

Imaginação histórica, desencantos e imoralidades na série *A Semana* de Machado de Assis

Claércio Ivan Schneider¹

Não peças lógica a uma triste pena hebdomadária. A regra é deixá-la ir, papel abaixo, pingando as letras e as palavras, e, se for possível, as idéias. Estas acham-se muita vez desconcertadas, entre outras que não conhecem, ou são suas inimigas. Não ligo nada, meu amigo. Quem puder que as ligue; eu escrevo, concluo e despeço-me

Machado de Assis - 01 de outubro de 1893

(In: GLEDSON, 1996: 309).

Resumo: Este artigo tem como objetivo compreender os diferentes elementos constituintes da representação tragicômica do Brasil no início da República a partir da análise de crônicas da Série *A Semana*, publicadas por Machado de Assis na *Gazeta de Notícias* entre os anos de 1892-93. Desvios morais, discursos contraditórios, vícios, ambições e incoerências são denunciados por Machado enquanto práticas comuns à elite administrativa.

Palavras-chave: crônicas; Machado de Assis; série *A Semana*.

Abstract: This article aims to understand the different constituents of tragicomic representation of Brazil in the early Republic from the analysis of chronicles in the series *A Semana*, published by Machado de Assis in the *Gazeta de Notícias* between the years 1892 and 1893. Moral deviations, contradictory discourses, vices, ambitions and incoherencies are reported by Machado as common practices to the administrative elite.

Keywords: chronicles; Machado de Assis; series *A Semana*.

Resumen: El presente artículo busca comprender los diferentes componentes de la representación tragicómica de Brasil en el principio de la República a partir del análisis de crónicas en la serie *A Semana*, publicado por Machado de Assis en la *Gazeta de Notícias* entre los años 1892-1893. Desviaciones morales, discursos contradictorios, vicios, ambiciones e inconsistencias son reportados por Machado como prácticas comunes en la élite administrativa.

Palabras clave: crónicas; Machado de Assis; serie *A Semana*.

¹ Professor Adjunto e do Colegiado do Programa de Pós-graduação em História (mestrado) da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná - UNICENTRO.

Nas crônicas publicadas por Machado de Assis na *Gazeta de Notícias* tem-se um retrato primoroso de comentários, opiniões, críticas, sentenças, ditados e aforismos que revelam muito da subjetividade do autor, principalmente porque surgem como amálgama de uma visão de mundo constituída a partir do diálogo constante entre a filosofia, a literatura, a história e o jornalismo. Constitui-se, portanto, num estilo de discurso estreitamente ligado à percepção do mundo, revelando os códigos de prescrições sociais para a interpretação da realidade. Talvez uma das principais características do olhar machadiano em suas crônicas seja o fato de instaurar o paradoxo na percepção dos fatos, dos discursos, do pensamento e da vida em sociedade. Instaurando o paradoxo e revelando a contradição, Machado cria um contrassenso, provocando instabilidades na compreensão que os leitores fazem das notícias.

Num contexto de grande complexidade como o do final do século XIX, assuntos não faltam para o cronista empreender seus comentários da semana. No entanto, o ato de narrar implica escolhas por parte do cronista e este, na impossibilidade de tratar todos em sua especificidade, geralmente empreende um olhar generalizante exatamente porque o que interessa nos fatos, independentemente de serem graves ou não, é a psicologia dos homens. Em crônica de 04 de dezembro de 1892, o cronista explora a relação dos acontecimentos com os homens:

Os acontecimentos parecem-se com os homens. São melindrosos, ambiciosos, impacientes, o mais pífio quer aparecer antes do mais idôneo, atropelam tudo, sem justiça nem modéstia... E quando todos são graves? Então é que é

ver um miserável cronista, sem saber em qual pegue primeiro. Se vai ao que lhe parece mais grave de todos, ouve clamar outro que lhe não parece menos grave, e hesita, escolhe, torna a escolher, larga, pega, começa e recomeça, acaba e não acaba... Justamente o que ora me sucede. Toda esta semana falou-se na invasão do Rio Grande do Sul. Realmente, a notícia era grave, e, embora não se tivesse dado invasão, falou-se dela por vários modos. Alguns a têm como iminente, outros provável, outros possível, e não raros a crêem simples conjectura. Trouxe naturalmente sustos, ansiedade, curiosidade, e tudo o mais que aquela parte da República tem condão de acarretar para o resto do país. Imaginei que era assunto legítimo para abrir as portas da crônica. Mal começo, chega-me aos ouvidos o clamor dos banqueiros que voltam do palácio do Governo, aonde foram conferenciar sobre a crise do dinheiro. E dizem-me eles que a questão financeira e bancária afeta toda a República, ao passo que a invasão, grave embora, toca a um só Estado. A prioridade é da crise, além do mais, porque existia e existirá, até que alguém a decifre e resolva. Bem; atendamos à crise financeira. Mas, eis aqui, ouço a voz do General Pego dizendo que a crise política do sul afeta a todos os estados, e pode pôr em risco as próprias instituições. Uma folha desta capital, o *Tempo*, pesando as palavras daquele ilustre chefe, declara que qualquer que seja o desenlace da luta (se luta houver) “não crê que a federação fique perdida, e com ela a forma republicana”. De onde se infere que faz depender a República da federação – ao contrário de outra folha desta mesma capital, o *Rio News*, que acha a República praticável, e a federação impraticável. Eu, sempre divergente do gênero humano, quisera adotar uma opinião média, mas não posso – ao menos, por ora; esperemos que os acontecimentos me dêem lugar. Como não me dão lugar, vou fazer com eles o que o Senado não quis fazer com a questão financeira: resolvê-los, liquidá-los. Talvez alguém prefira ver-me calar, como o senado, e ir para casa dormir. Mas, ai! Uma coisa é ser legislador, outra é ser narrador. O Senado tem o poder de fechar os olhos, esperar o sono, não ver as coisas, nem sonhar com elas; tem até o poder de ficar admirado, quando acordar e vir que elas cresceram, tais como crescem as plantas, quando dormimos – ou como nós crescemos também. Todos estes poderes faltam ao simples contador da vida. Vá, liquido tudo. Liquidado a jovem intendência, que aqui vem eleita e verificada. Grave sucesso, relativamente ao distrito federal, pede, reclama o seu posto, e eu respondo que ela o tem aí, ao pé dos maiores. Não parece logo, por causa do nosso método de

escrever seguido. Felizes os povos que escrevem por linhas verticais! Podem arranjar as crônicas de maneira que os acontecimentos fiquem sempre em cima; a parte inferior das linhas cabe às considerações de menor monta, ou absolutamente estranhas. Moralmente, é assim que escrevo (ASSIS, 1996: 159-160).

A crônica é reveladora. Não porque Machado coloque em xeque o critério de verdade e de importância dos acontecimentos veiculados pela imprensa. Mas porque nela o cronista empreende uma visão específica de história que faz compreender determinadas posturas e opiniões que defende. Como narrador, parece perdido num universo referencial onde tudo aparenta gravidade e torna-se difícil optar por um tema ou outro na composição da crônica. Revolta no Rio Grande do Sul, crise financeira, nova intendência, tudo parece exigir seriedade, e cabe ao narrador tratá-los. Assim como os homens, destaca o cronista, também os acontecimentos são melindrosos e impacientes, atropelando tudo em ordem de importância, o que deixa o narrador de certo modo perdido entre uns e outros. Primeiro, vai às folhas e percebe as divergências entre os próprios jornais em torno da relevância dos assuntos da semana. Na sequência, *sempre divergente do gênero humano*, não conseguindo adotar uma opinião, liquida os assuntos de modo superficial, independentemente da gravidade do tema. O cotidiano que assiste e os discursos que o nomeiam nem sempre estão de acordo. A complexidade do final do século evidencia o espírito da fraude. Desde a crise do Rio Grande do Sul, passando pela crise financeira, chegando à falsificação do café até a crítica ao positivismo, toda a

crônica lembra, em pormenores, um ambiente de crise moral.

Continua a crônica:

E aí chegam outros acontecimentos graves da semana. Para longe, café falsificado, café composto de milho podre e carnaúba! Gerações de lavradores, que dormis na terra mãe do café; lavradores que ora suais trabalhando, portos de café, alfândega, saveiros, navios que levais este produto-rei para toda a terra, ficai sabendo que a capital do café bebe café falsificado. Como faremos eleições puras, se falsificamos o café, que nos sobra? Espírito da fraude, talento da embaçadela, vocação da mentira, força é engolir-vos também de mistura com a honestidade de tabuleta (ASSIS, 1996: 161).

Espírito da fraude! A história que Machado registra nas crônicas está permeada pelo ceticismo. Na passagem acima, o cronista mostra indignação para com a prática da falsificação do café – um dos principais produtos de exportação, transformado em símbolo nacional – problematizando, a partir disso, a moral do brasileiro que, com este *talento da embaçadela* e a *vocação da mentira* não poderiam fazer eleições puras. O método de Machado em explorar as contradições, as ambiguidades, os acontecimentos graves ou miúdos, religiosos e jornalísticos, enfim, a sua visão de história, contrasta com as teorias em vigor no final do XIX. A ironia, o ceticismo e a imaginação são constituintes da crônica e é por este filtro que o narrador registra o sentido trágico de seu tempo ao finalizar a crônica:

Outro acontecimento grave, o anarquismo, também aqui fica mencionado, com o seu lema: *chi non lavora non mangia*. Há divergências, sobre os limites da propaganda de uma opinião. O positivismo, por órgão de um de seus mais ilustres e austeros corifeus, veio à imprensa defender o direito de propagar as idéias anarquistas, uma vez que não cheguem à execução. Acrescenta que só a religião da humanidade pode resolver o problema social, e conclui que *os maus constituem uma pequena minoria...* Uma pequena

minoria! Estás bem certo disso, Positivismo ilustre? Uma pequena minoria de maus – e tudo o mais puro, santo e benéfico... Talvez não seja tanto, amigo meu, mas não brigaremos por isso. Para ti, que prometes o reino da Humanidade na terra, deve ser assim mesmo. Jesus, que prometia o reino de Deus nos céus, achava que muitos seriam os chamados e poucos os escolhidos. Tudo depende da região e da coroa. Em um ponto estão de acordo a igreja positivista e a Igreja Católica. “Estas (assustadoras utopias) só podem ser suplantadas pelas teorias científicas sobre o mundo, a sociedade e o homem, que acabarão por fazer com que a razão reconheça a sua impotência, e a necessidade de subordinar-se à fé...” que fé? Eis a conclusão do trecho de Teixeira Mendes: “não mais em Deus; mas na Humanidade”. Eis aí a diferença. Pelo que me toca, eterno divergente, não tenho tempo de achar uma opinião média. Temo que a Humanidade, viúva de Deus, se lembre de entrar para um convento; mas também posso temer o contrário. Questão de humor. Há ocasiões em que, neste fim de século, penso o que pensava há mil e quatrocentos anos um autor eclesiástico, isto é, que o mundo está ficando velho. Há outras ocasiões em que tudo me parece verde em flor (ASSIS, 1996: 161-162).

A crise moral antevista no espírito da fraude não está localizada apenas no plano prático do cotidiano. Também o está no plano das ideias. Machado, como já o comprovaram os seus críticos, rejeitava todo e qualquer sistema filosófico ou científico totalizador. Na crônica, contesta o positivismo e sua religião da Humanidade como forma de superação do problema social no Brasil. Se *tudo depende da religião ou da coroa*, a subordinação à fé, no caso positivista à fé na humanidade, é vista com deboche pelo narrador que tem como alvo constante de crítica o homem e os seus vícios em sociedade.

O estudo histórico-literário de Enylton de Sá Rego ajuda a ampliar esta questão. Colocando a obra madura de Machado de Assis dentro da tradição da sátira menipéia, o autor consegue

perceber a ironia, o riso e o deboche machadianos como visão de história. Estes elementos constituem uma forma de denúncia de todas as falsidades, máscaras e teorias que promovem a resolução dos problemas da condição humana. Machado é sarcástico com relação ao positivismo. Sarcasmo este que poderia se estender ao romantismo e ao idealismo, todas “escolas” de pensamento histórico dos novecentos e que tiveram grande importância no contexto brasileiro. Além disso, seus comentários depreciativos são direcionados também a outras doutrinas científicas e evolucionistas que diziam promover uma história racional, pautada na ciência e cujo objetivo era difundir o progresso e o desenvolvimento da humanidade. Rejeitou o positivismo de Augusto Comte, afastando-se também do historicismo que tanto alimentava os ideais políticos dos republicanos. Nesse sentido, a ironia e o ceticismo, o olhar trágico em suma, podem ser vistos como visão de história em contradição com as crenças historicistas características do seu século. Como destaca o crítico:

[...] em sua opinião [a de Machado de Assis], a história sempre permite aos homens a releitura, a re-interpretação dos fatos do passado [...]. A história se aproxima mais do simbolismo da lenda e da obra de arte do que da objetividade da ciência, objetivo tão típico do século dezanove. Para Machado, tanto a história quanto a lenda ou a obra de arte literária são narrativas, e como tal contém um aspecto referencial – que pode ou não ser verdadeiro – e um aspecto formal, no qual o valor simbólico é preponderante, e que depende sobretudo da imaginação do autor ou narrador ao organizar a sua narrativa (SÁ REGO, 1989: 158).

A “imaginação histórica” de Machado de Assis pode ser entendida, num ângulo maior, como uma recusa ao historicismo do século dezanove que buscava na razão e na ciência os suportes

teóricos necessários para a construção de uma verdade incontestável. A paródia, a ironia, a sátira e a imaginação se constituem em características determinantes na escrita das crônicas. Este estilo machadiano tem como foco principal o desnudamento psicológico dos indivíduos, sempre buscando ponderar sobre a condição humana em suas instâncias mais contraditórias. A escrita irônica, portanto, contrasta com o objetivismo cientificista das principais correntes em voga nos novecentos, fazendo com que Machado de Assis se preocupasse e investisse mais na forma narrativa de apresentação e de interpretação dos fatos do que na aplicabilidade teórica das doutrinas de seu tempo.

É nesse sentido singular que se entende o cronista e a crônica. A visão de história desencantada, aparentemente pessimista, se torna crítica contundente à cientificidade de fachada de um país cujos artifícios se espelham na modernidade. A originalidade do olhar trágico em Machado permite, assim, compreender o seu tempo pelo filtro da melancolia, do tédio e do desencanto como traços marcantes de sua visão de história. Grande parte dos temas e dos fatos comentados por Machado aparece submetida a reflexões que os consideram a partir da perspectiva psicológica do cronista. Nesse sentido, independentemente do conteúdo da crônica, o narrador projeta seu comentário na tentativa de persuadir o leitor, surpreendido na condição de interlocutor instigado a participar da composição da crônica. Como exemplo, toma-se a crônica de 10 de julho de 1892. O cronista, antes de se deter no comentário dos fatos da semana que

dominaram grande parte das páginas dos diários, estabelece um juízo acerca do que irá comentar:

S. Pedro, apóstolo da circuncisão, e S. Paulo, apóstolo de outra coisa, que a Igreja Católica traduziu por gentes, e que não é preciso dizer pelo seu nome, dominaram tudo esta semana. Eu, quando vejo um ou dois assuntos puxarem para si todo o cobertor da atenção pública, deixando os outros ao relento, dá-me vontade de os meter nos bastidores, trazendo à cena tão-somente a arraia-miúda, as pobres ocorrências de nada, a velha anedota, o sopapo casual, o furto, a facada anônima, a estatística mortuária, as tentativas de suicídio, o cocheiro que foge, o noticiário, em suma. É que eu sou justo, e não posso ver o fraco esmagado pelo forte. Além disso, nasci com certo orgulho, que já agora há de morrer comigo. Não gosto que os fatos nem os homens se me imponham por si mesmos. Tenho horror a toda superioridade. Eu é que os hei de enfeitar com dois ou três adjetivos, uma reminiscência clássica, e os mais galões de estilo. Os fatos, eu é que os hei de declarar transcendentais; os homens, eu é que os hei de aclamar extraordinários (ASSIS, 1996: 85).

Logo no início da crônica, Machado faz referência aos conflitos da antiga Província de São Pedro (Rio Grande do Sul), donde sempre chegavam notícias de uma guerra civil, e de São Paulo onde o conflito era entre imigrantes italianos versus brasileiros. Estes assuntos – que se transformaram em matéria de diversas crônicas – apareciam em praticamente todos os jornais, provocando uma avalanche de informações, muitas delas inverídicas ou mesmo contraditórias. Machado assume um tom questionador para com esta predominância dos fatos grandiosos e surpreende o leitor duas vezes: primeiro, apontando para a necessidade de se deter em fatos miúdos, de relativa importância; segundo, é o cronista que, com certo orgulho, assume a responsabilidade de manejar a história segundo suas preferências.

Nesse sentido, ao lado do comentário das ocorrências da semana, o cronista também discorre sobre o ato de narrar. Investindo contra a hegemonia dos assuntos que dominavam os jornais, Machado questiona o tom convencional e o modismo que imperava nas colunas jornalísticas. Sendo assim, o cronista concentra sua atenção nas ocorrências menores como forma de fugir dos temas centrais dos jornais de seu tempo, o que singulariza seu método narrativo e sua visão de história. Atente-se, por exemplo, à crônica de 17 de julho de 1892:

Um dia desta semana, farto de vendavais, naufrágios, boatos, mentiras, polêmicas, farto de ver como se descompõem os homens, acionistas e diretores, importadores e industriais, farto de mim, de ti, de todos, de um tumulto sem vida, de um silêncio sem quietação, peguei de uma página de anúncios, e disse comigo:

— Eia, passemos em revista as procuras e ofertas, caixeiros desempregados, pianos, magnésias, sabonetes, oficiais de barbeiro, casas para alugar, amas-de-leite, cobradores, coqueluche, hipotecas, professores, tosses crônicas...

E o meu espírito, estendendo e juntando as mãos e os braços, como fazem os nadadores, que caem do alto, mergulhou por uma coluna abaixo. Quando voltou à tona trazia entre os dedos esta pérola: “Uma viúva interessante, distinta, de boa família e independente de meios, deseja encontrar por esposo um homem de meia-idade, sério, instruído, e também com meios de vida, *que esteja como ela cansado de viver só*; resposta por carta ao escritório desta folha, com as iniciais M. R., anunciando, a fim de ser procurada essa carta” (ASSIS, 1996: 88).

O tédio cotidiano para com os fatos e as manchetes, geralmente catastróficos, induzem o cronista a fugir do comentário habitual ao direcionar sua atenção à página de anúncios. Nesta crônica, o cronista recusa-se a discutir os fatos predominantes da semana, fastio que está de ver como se *descompõem os homens*, na eterna disputa

por notícias que se querem fazer predominar junto à opinião pública. A revolta faz com que o cronista mude o ângulo de análise, passando a discorrer sobre um tema menor, no caso o anúncio de uma senhora de meia-idade que buscava um esposo para fugir da solidão. Este anúncio, como inúmeros outros de outras mulheres, poderia camuflar uma maneira de prostituição, mas no caso da crônica elaborada por Machado, o enfoque reside no enaltecimento da mulher que agiria de forma lícita exatamente porque o anúncio não tinha a intenção de ludibriar, mas de apenas suprimir um estado de solidão e de tédio.

Consciente do papel de convenção da veiculação dos discursos, do poder da língua em produzir sentidos e consensos, o cronista partilha com o leitor o processo de composição de seu texto. Dílson Cruz Júnior amplia esta questão, apontando para as características do narrador que manuseia a narrativa com o nítido objetivo de buscar efeitos de verdade ou de realidade. Nesse sentido, o ato de narrar torna-se objeto de tratamento constante. Para tanto, o cronista investe na construção de diálogos extremamente elaborados, trazendo assim para a crônica múltiplas vozes que irão resultar numa visão polifônica de opiniões e sentimentos. Esta técnica de composição não pode ser entendida apenas como uma questão de estilo, mas como uma maneira eficiente de captar a pluralidade da sociedade em que o homem vive e, quase sempre, é derrotado. Ainda segundo o autor:

A duplicidade de vozes conduz a que, ao lado do comentário das ocorrências da semana, surja uma análise do ato de narrar. Os fatos comentados deixam de ser notícias e tornam-se personagens do drama do cronista e, como tais, perdem sua independência ou aparente

neutralidade e passam a ser, explicitamente, objeto de manipulação do narrador (CRUZ, 2002: 68).

As múltiplas vozes reunidas em seu texto e a atenção dispensada aos temas considerados menores são fatores determinantes para a construção de uma narrativa questionadora que se esforça para evidenciar aos leitores as contradições de seu tempo. Para Machado, o espírito da fraude, por exemplo, não estava somente no plano econômico, com a política do encilhamento. Em diferentes instâncias do corpo social, a corrupção, o roubo e o estelionato se faziam presentes. Em crônica de 30 de abril de 1893, Machado desnuda o espírito da caridade para mostrar as contradições da prática cristã nos “novos tempos”.

Uma folha diária, recordando que as quermesses tinham sido fechadas por serem verdadeiras casas de tavolagens, noticiou que elas começam a reaparecer. Já há uma na Rua do Teatro; o pretexto é uma festa de caridade. E a folha chama a atenção da polícia. A notícia – dizemo-lo sem ofensa – é mui própria de um século utilitário e prático. Não se poderia achar exemplo mais vivo do espírito da nossa idade, que põe a alma das coisas de lado para só admirar a face das coisas. Invertemos a caridade; ela não é, para nós, o móvel da ação, o sentimento da esmola e do benefício; é o resultado da coleta. [...] Querem a caridade escriturada, legalizada, regulamentada, com relatório anual, contas, receita e despesa, saldo. Onde está aqui o espírito cristão? A quermesse é tavolagem. Que tenho eu com isso, se me convida a fazer bem? Não se trata (reflita o colega), não se trata de beneficiar a um estranho, mas a minha alma. Vá o dinheiro para um faminto, para a escola, ou simplesmente para as algibeiras do empresário, nada tem com isso a minha salvação. A caridade não é um efeito, é uma causa. As quermesses são ocasiões inventadas para a prática do evangelho. O fim dessas instituições é exercitar a virtude, e tanto melhor se o dinheiro recolhido alimentar um vício (ASSIS, 1996: 233).

Por detrás da prática da caridade, o cronista percebe a casa de jogo (a tavolagem) que sintetizava a quermesse. Notícia própria de *um século utilitário e prático*. Um espírito que revela a superficialidade das coisas pautadas, sobretudo, no valor material. Assim, a prática cristã inverte a caridade, preocupada que está com a coleta e não com a ação. As quermesses, conclui o cronista, *são ocasiões inventadas para a prática do evangelho*. Mas esse não é o único exemplo que Machado usa para mostrar os desvios de conduta que caracterizam o seu tempo.

Em crônica de 09 de abril de 1893, Machado debate uma proposta de lei do conselho municipal com vistas à regulamentação do serviço doméstico. A crônica é instigante exatamente porque Machado a compõe com o objetivo de mostrar as duas faces do Brasil: aquela que buscava a civilidade, a partir da regulamentação do trabalho doméstico; e aquela que identificava o seu atraso, exatamente por favorecer a lei do mais forte:

O conselho municipal vai regulamentar o serviço doméstico. Já há um projeto, apresentado esta semana pelo Sr. intendente João Lopes, para substituir o que se adiara, e em breve estará, como se diz em dialeto parlamentar, no tapete da discussão. [...] Seja Câmara, intendência ou conselho, vai reformar o serviço doméstico, e desde já tem o meu apoio, embora os balanços da fortuna possam levar-me algum dia a servir, quando menos, o ofício de jardineiro [...]. Enquanto, porém, não me chega o infortúnio, quero o regulamento, que é muito mais a meu favor do que a favor do meu criado. Na parte em que me constrange, não será cumprido, porque eu não vim ao mundo para cumprir uma lei, só porque é lei. Se é lei, traga um pau; se não traz um pau, não é nada (ASSIS, 1996: 221).

O cronista se coloca na posição de um burguês que tem a lei a seu favor. Nesse sentido, o que prepondera é a lei do mais forte. O pensamento que Machado revela evidencia uma atitude comum

na sociedade burguesa, para a qual a lei só interessa se lhe for conveniente, ou seja, caso preserve seus interesses e sua posição de domínio. O cronista aparece como politicamente incorreto e cínico. Eis a postura da classe dominante do seu tempo. Ao invés de proteger o mais fraco, diminuindo as diferenças sociais, o procedimento é oposto, e a recusa em ceder, o mínimo que seja, mostra uma face autoritária da elite brasileira. Esta constatação de certa forma cruel não chega a chocar, uma vez que sempre foi prática característica e referenciada pelo discurso oficial. Continua a crônica:

Tem coisas excelentes; entre outras, o art. 18, que manda tratar os criados com bondade e caridade. A caridade, posta em regulamento, pode ser de grande eficácia, não só doméstica, mas até pública. Outra disposição que merece nota, é a que respeita aos atestados passados pelo amo em favor dos criados; segundo o regulamento, devem ser conscienciosos. Na crise moral deste fim de século, a decretação da consciência é um grande ato político e filosófico. Pode criar-se assim uma geração capaz de encarar os tremendos problemas do futuro e refazer o caráter humano. Que tenha defeitos, admito. Assim, por exemplo, o art. 19 obriga amo e criado a darem parte à polícia dos seus ajustes, sob pena de pagar o amo trinta mil-réis de multa e de sofrer o criado cinco dias de prisão; — isto é, ao amo tira-se o dinheiro, e ao criado ainda se lhe dá casa, cama e mesa. É irrisório; mas pode emendar-se. Quando os criados fizerem os regulamentos, não creiam que sejam tão benignos com os amos [...]. Tudo isto quer dizer que a legislação, como a vida, é uma luta, cujo resultado obedece à influência mesológica. Oh! A influência do meio é grande (ASSIS, 1996: 222).

Influência do meio! Novamente o cronista desnuda, com ironia, um espírito avesso à lei, avesso à solidariedade, à igualdade e ao respeito comum. A injustiça é ocultada por detrás de uma fachada democrática, constituída por leis que na realidade

beneficiam apenas uma classe. As situações sociais que se estabelecem na sociedade a partir de então se constituem em relações dissimuladas, que se obscurecem ou que buscam aparentar uma coisa, mas que, na realidade, é outra. É o que Roberto Schwarz, na obra *Um mestre na periferia do capitalismo*, explora a partir da análise dos romances. O caráter dissimulado se transforma num elemento fundamental na manutenção do *status quo*. Como destaca Dílson Cruz Júnior, ao analisar o discurso do cronista e a posição do narrador nesta mesma crônica:

Sim, o discurso do cronista é absurdo, mas por baixo do riso fácil há uma outra realidade não tão engraçada quanto as piadinhas do narrador. Curiosamente, a face mais bárbara do Brasil se revela exatamente quando se propõe fazer uso de um dos instrumentos fundamentais da civilização: a lei. Não é, portanto, uma sociedade sem leis, mas algo pior, uma sociedade cujas leis são invertidas e mesmo perversas. Vigora a lei do mais forte, mas ela se esconde nos meandros do legislativo de fachada, cuja função é ocultá-la para que seja mais eficiente. Ora, ao explicitar tais mecanismos, mostrando-os sem os disfarces atuais, Machado expõe a verdadeira natureza de nossas relações sociais, que falam por si. Ocorre ainda que todas as revelações como que escapam da boca do narrador sem que este perceba, uma vez que se deveria ouvir apenas sua voz, mas, na surdina, ouve-se outra, que a recusa e revela sua crueldade (CRUZ, 2002: 80).

A ascensão da República inaugura um momento singular na sensibilidade de Machado de Assis. A crise moral do final do século, apontada por Machado na crônica, o aflige como observador arguto da realidade. Nesse sentido, a melancolia parece guiar o cronista no registro do seu cotidiano. O desvelamento do homem e do escritor se manifesta com maior ênfase no compromisso com o cotidiano da vida social, política e cultural do Rio de Janeiro, a partir do qual descreve as diversas faces dos

problemas de sua época. Escrever sobre as coisas “miúdas” de seu tempo permitia-lhe questionar os valores efêmeros considerados importantes.

A crítica de Machado de Assis à sociedade brasileira que se formava sob os pilares da República é *sui generis* exatamente porque o cronista capta o espírito da semana e o emprega na redação da crônica. Muitas vezes de forma direta, pautado em um episódio qualquer do jornal. Outras vezes, a crítica aparece de forma indireta, usando o fato noticiado e o transformando em ficção, para, dessa maneira, revelar as contradições que lhe são intrínsecas. Em crônica de 11 de junho de 1893, por exemplo, Machado inicia o texto afirmando folhear o jornal em busca de ideias. Diante de um anúncio publicitário – no qual se fazia propaganda de uma loja de casacas – Machado estabelece uma longa parábola da sociedade que se forma de maneira trôpega e artificial a partir do uso de casacas que não lhe servem ou que lhe são inoportunas:

Quando acabei de ler o anúncio, entrei a malucrar. Imaginei um baile, para o qual fossem convidados cem homens que não possuíssem casaca, nem dinheiro para mandar fazê-la. Comparecimento obrigado; corriam todos à loja, onde havia justamente cem casacas e cem coletes. É muita imaginação; mas eu não estou dosando um elixir para cérebros práticos. Estou contando o que me aconteceu. Naturalmente, os fregueses não correram à uma; como, porém, tinham poucas horas, houve certa aglomeração. Os matinais levaram as casacas mais adequadas; os retardatários saíam menos bem servidos. [...] A última casaca foi alugada sem exame, não havia onde escolher, e o comparecimento era obrigado. Corri a espiar o baile. Os cem convidados tinham acabado de dançar uma polca e passeavam pelos salões as suas casacas alugadas. Vi então uma coisa única. Metade das casacas não se ajustavam aos corpos. Vi corpos grossos espremidos em casacas estreitas; outros, magros, nadavam dentro de casacas infinitas. Alguns, de pequena estatura, traziam abas que pareciam buscar o chão, enquanto as golas tendiam a subir pelos

lustres. Outros, de tronco extenso e pernas compridas, pareciam estar de jaqueta, tal era a exigüidade das abas. E jaqueta curta, porque mal passava da metade do tronco. Deu-me vontade de apitar, como nos teatros, quando se faz mutação à vista, a fim de ver trocadas as casacas e restituída a ordem e a elegância; mas nem tinha apito comigo, nem era certo que a troca das casacas melhorasse grandemente o espetáculo. Quando muito, aliviaria alguns corpos e daria a outros a sensação de estarem realmente vestidos; nada mais. Havia satisfação relativa em todos, posto que nem sempre; uma ou outra vez detinham-se, lançavam um olhar rápido sobre si e ficavam embaraçados, ou então buscavam um canto ou um vão de janela. Consolava-os a vista dos companheiros; persuadiam-se talvez de que era uma epidemia de casacas mal-ajustadas. A música chamava à dança; todos corriam a convidar pares. Quando a minha imaginação cansou, deixei o baile e recolhi-me ao gabinete. Vi as folhas de papel diante de mim, esperando as palavras e as idéias. E eu tive uma idéia. Sim, considere a vida, remonte os anos, vim por eles abaixo, remirei o espetáculo do mundo, o visto e o contado, cotejei tantas coisas diversas, evoquei tantas imagens complicadas, combinei a memória com a história, e disse comigo:

— Certamente, este mundo é um baile de casacas alugadas (ASSIS, 1996: 253-254).

O cronista, após ler o anúncio de casacas, entra em devaneio e imagina um baile no qual os convidados tentavam se ajustar às casacas alugadas. O espetáculo que observa é divertido, exatamente porque o cronista contempla o ridículo que o desajuste da vestimenta provocava e, ao mesmo tempo, aponta para a *satisfação relativa em todos*, mesmo diante de seu infortúnio. Após o devaneio, o cronista volta-se ao gabinete e compõe a crônica a partir das ideias que obtivera. Criando uma tensão entre a ficção e a realidade, a tese que fundamenta a seguir representa o espetáculo do mundo como um baile de casacas alugadas. O desarranjo das casacas que não serviam nos corpos dos “convidados” esboça um ambiente que indica uma espécie de degeneração moral e social do

homem, povoado por satisfações relativas, muitas delas fantasiosas ou que se coadunam segundo a música do baile. Machado, com o espírito da tragédia, percebe de imediato que, mesmo trocando as casacas a fim de restituir a ordem e a elegância, o espetáculo provavelmente não melhoraria. Em seu gabinete, o cronista, já recomposto do devaneio, relaciona a artificialidade do baile à sociedade que observa. O contraste dos homens pode ser visto pelo contraste das casacas. A divergência aflige a maioria; no entanto, o baile dissimula as contradições e faz esquecer o tédio. Além disso, a influência do meio é determinante, acabando por acomodar os homens as suas casacas alugadas. Continua a mesma crônica:

Meditei sobre esta idéia, e cada vez me pareceu mais verdadeira. Os desconcertos da vida não tem outra origem, senão o contraste dos homens e das casacas. Há casacas justas, bem-postas, bem-cabidas, que valem o preço do aluguel; mas a grande maioria delas divergem dos corpos, e porventura os afligem. A dança dissimula o aspecto dos homens e faz esquecer por instantes o constrangimento e o tédio. Acresce que o uso tem grande influência, acabando por acomodar muitos homens à sua casaca. Condoído deste melancólico espetáculo, Jesus achou um meio de corrigir os desconcertos, removendo deste mundo para o outro a esperança das casacas justas. Bem-aventurados os mal-encasacados, porque eles serão vestidos no céu! Profetas há, porém, que entendem que o mal do mundo deve ser curado no próprio mundo. E muitos foram os alvitres, vários os processos, alguns não provaram nada, outros dizem que serão definitivos. Pode ser; mas o mal está no único ponto de serem alugadas as casacas. Que a Fortuna ou a Providência, com a melhor tesoura do globo, talhe as casacas por medida, e as prove uma e muita vez no corpo de cada pessoa, e não as haverá largas nem estreitas, longas nem curtas, todas parecerão ter sido cosidas na própria pele dos convidados. Sem isso, o baile será esplêndido pela profusão de luzes e flores, pelo serviço de boca, pela multidão e variedade das danças, mas não haverá perdido este pecado original de ser um baile de casacas alugadas (ASSIS, 1996: 254).

O final da crônica é trágico. A melancolia deste espetáculo na terra fez com que Jesus adiasse para o outro mundo a esperança de casacas ajustadas. Um mundo terreno sem soluções, portanto. Cabe à Fortuna ou à Providência talhar as casacas conforme os corpos; sem isso, o irremediável da condição humana continuará a ser representado num espetáculo de casacas alugadas.

O uso de metáforas para retratar a realidade torta a que assistia era procedimento comum a Machado. Assim como a polifonia de vozes que aparecem nas crônicas faz entender um ambiente de opiniões e sentimentos diversos e muitas vezes divergentes, também a metáfora das casacas revela um mundo desajustado e de impossível consenso. Os desconcertos da vida são embalados pelo baile das convenções que acabam por acomodar os homens. A melancolia deste espetáculo irremediável conduz à crítica da artificialidade da sociedade que se forma a partir das casacas alugadas (ideias, teorias, projetos, objetivos), que, independentemente de vestirem bem ou mal, ainda assim são casacas alugadas.

A representação da sociedade brasileira por metáforas também pode ser lida na crônica de 27 de agosto de 1893. Machado, após saber da possibilidade de um funcionário do correio estar contaminado com o bacilo do cólera, sonhara que morreria vítima do bacilo e fora conduzido ao inferno de Dante onde era *esganado por uma vírgula*. Ao acordar, procurando informações nos jornais, vê que nenhuma morte o cólera causara. Mas o sonho lhe trouxera uma ideia e que, na crônica, transformou em doutrina. Novamente, o cronista, a partir de um fato real, constrói uma metáfora ficcional para mostrar as enfermidades e fraquezas características de seu ambiente social:

Era um sonho vão; mas trazia uma idéia. Quem sabe se eu não tinha o bacilo do gênio... Dei um pulo, estava achada mais uma doutrina definitiva. Ei-la aqui, de graça. Cada um de nós é um composto de cidades, não da mesma nação, mas de várias nações e diferentes línguas, um mundo romano. Isto posto, as moléstias que nos assaltam, são revoluções interiores. As macacoas não passam de distúrbios, a que a polícia põe cobro. Tudo obra de bacilos; mas como também os há da saúde, bons cidadãos, ordeiros, amigos da lei, da paz e do trabalho, esses não só nos conservam a saúde, como subjagam e muitas vezes eliminam os tumultuosos. Os médicos recebem cá fora os honorários que a justiça mandaria pagar a esses dignos defensores da paz interior, se eles precisassem de dinheiro. Outras vezes são vencidos; os bacilos perversos matam o homem; é a anarquia e a dissolução. Os bacilos da saúde não são só modelos de virtudes públicas e privadas. Dotadas de algum intelecto, associam-se para compor um talento ou um gênio, e são eles que formam as novas idéias, discursos e livros. Há uns poéticos, outros oratórios, outros políticos, outros cientistas. Dante era homem de muitos bacilos. A vontade também se rege por eles [...]. Por outro lado, sendo a sociedade um organismo, nós somos os bacilos da sociedade. Segundo forem as qualidades desta, assim se poderá dizer que casta de bacilos é a que predomina no organismo. Não se pode dizer, por exemplo, que tenhamos o bacilo do júri. Após quatro ou cinco semanas de espera, compor-se-á em dois dias o tribunal, e ainda assim só depois de várias admoestações e lástimas por ver caída semelhante instituição. Erro dos que lastimam e admoestam. É claro que não possuímos o bacilo próprio a essa espécie de justiça. Uma instituição pode ser bonita, liberal, de boa origem, sem que todos a pratiquem eficazmente, desde que falte o bacilo criador. (ASSIS, 1996: 290-291).

A crônica é instigante. Os jornais desse período informavam que havia em diferentes partes do mundo uma epidemia de cólera. Isto provocava o terror e o medo de que tal doença chegasse ao Brasil por meio dos navios que traziam os imigrantes. Nesse sentido, no devaneio do cronista a leitura da realidade é mimetizada a partir da presença de bacilos do cólera. *Tudo obra de bacilos*. Assim como os

há da saúde, também existem os perversos, que matam o homem. Na continuidade da teoria composta pelo cronista, a sociedade, como organismo, tem os seus habitantes como bacilos. E é segundo as qualidades desta sociedade que se poderá identificar que casta de bacilos é predominante. No caso brasileiro, o cronista identifica a ausência do bacilo do júri, da reunião, da assembleia e de tudo que exige presença obrigatória.

A ironia pela qual Machado representa a sociedade pode ser interpretada como crítica ao cientificismo. As ideias científicas importadas da Europa não auxiliavam na compreensão da realidade brasileira. Daí a sua falsidade original e o seu uso apenas pelas aparências. A ciência, inclusive, torna-se uma estratégia para ludibriar os habitantes e submetê-los a novas crenças. Assim, o cronista retrata um mundo enfermo e nem mesmo a ciência pode salvá-lo, haja vista que os bacilos são tantos e tão díspares que se torna difícil ou impossível remediá-los:

Mas, enfim, tudo isso são minúcias que não importam aos lineamentos da doutrina. Talvez não nos falte o bacilo do júri, mas o da reunião, o da assembléia, o de tudo que exige presença obrigada [...]. Resumo a doutrina. Tudo é bacilo no mundo, o que está dentro do homem, no homem e fora do homem. A terra é um enorme bacilo, como os planetas e as estrelas, bacilos todos do infinito e da eternidade – dois bacilos sem medida de alguém que quer guardar o incógnito (ASSIS, 1996: 290-291).

Mas se o mundo pode ser entendido como um bacilo, existiria um remédio profilático? Difícilmente. Isto porque os males morais não encontram cura.

Considerações finais

A crônica de Machado de Assis funciona como um filtro de inteligibilidade do final dos novecentos. Os apontamentos, as opiniões, as críticas e as conclusões – relativistas, ambíguas e contraditórias – sintetizam um ambiente caracterizado por paradoxos em todos os campos. A compreensão deste universo referencial de Machado, deste Brasil às avessas, pode ser compreendida pela composição trágica de sua narrativa, uma vez que este conceito sintetiza a diversidade e a complexidade que identifica a formação da sociedade brasileira. A cidade é o palco deste drama, os “cidadãos” personificam os conflitos que lhes são intrínsecos, o cronista é o termômetro que revela um ambiente em ebulição.

O trágico da constituição republicana pode ser visto e lido em suas singularidades e contradições. A promoção de um Estado “ideal” com características favoráveis à concepção burguesa, de cunho individualista, voltado à iniciativa privada e à participação política dos cidadãos, contrasta com o Brasil “real”, de predominância familiar, voltada aos aspectos morais, afetivos e integrativos. Tal como destaca José Murilo de Carvalho ao pensar os aspectos urbanos da formação brasileira:

No Brasil predominava a família, o clã, o grupo de trabalho, ou mesmo o Estado. Em termos coletivos, o resultado era a falta de organização, de solidariedade mais ampla, de consciência coletiva. No domínio específico da política, a consequência era a organização alimentária para o emprego público (CARVALHO, 1987: 150).

Em termos específicos, a cultura integrativa brasileira poderia levar à ditadura de natureza coletiva. Ainda segundo Carvalho,

ponderando sobre a especificidade do conceito de cidadania no contexto de formação republicana: “De um lado, a visão liberal, individualista, de outro, as visões positivista e rousseauiana, integrativas, comunitárias. Na prática política, verificamos na população a ausência da ética individualista associativa” (CARVALHO, 1987: 151). O que explicaria esta originalidade da formação moral do brasileiro? Para Carvalho (1987: 152-153):

O Rio de Janeiro [...] era, sob o ponto de vista econômico, uma cidade predominantemente consumidora e de pesada tradição escravista. [...] Na virada do século, quando o tráfico foi interrompido, quase 40% da população ainda era escrava, e a população branca não deveria passar dos 40%. O reflexo desta situação de cidade administrativa e comercial de base escravista fazia-se sentir no senso de 1906, que mostra uma população ocupada principalmente em comércio, transporte, administração e serviço doméstico. Esta população era três vezes maior do que a ocupada na indústria. A condição de tradicional centro administrativo e de capital do país acarretava ainda uma grande visibilidade da burocracia e um domínio do Estado sobre a cidade [...]. Tudo isso são traços mais próximos da cidade antiga que da cidade moderna, da cidade política antes que econômica, da cidade sem autonomia, castrada, pré-burguesa.

Este perfil do Rio de Janeiro como uma cidade de feições antigas e modernas – haja vista as transformações do fim do século que introduziram elementos da tradição liberal individualista –, e, conseqüentemente, de mentalidades antagônicas, parece melhor definir a complexidade que a transição para a República significou para a sociedade brasileira. O caos social que Machado de Assis apresenta a partir das crônicas é reflexo deste ambiente híbrido, que resulta numa crise identitária. Não é ocasional o investimento simbólico, promovido pelo Estado, no forjamento de uma identidade que definisse ou pelo menos estimulasse um consenso entre a

população. A República investiu alto nesta construção. No entanto, os antagonismos entre as tradições antigas e modernas não apresentam vitoriosos, mas o hibridismo como elemento original. Assim:

o avanço liberal não foi acompanhado de avanço igual na liberdade e na participação. O Estado republicano perdeu os restos de elementos integrativos que possuía o Estado monárquico, sem adquirir a base associativa do Estado liberal democrático. Não era fraternitas nem societas (CARVALHO, 1987: 154-155).

Esta característica de base da formação social brasileira é determinante para a compreensão dos valores da cidadania que passam a compor as relações. Valores da cidadania? Talvez estes valores possam ser compreendidos na miscigenação dos códigos culturais que começam a ser arregimentados no cotidiano da cidade em transformação. No entanto, no campo político, a apatia era determinante:

[...] na política a cidade não se reconhecia, o cidadão não era cidadão, inexistia a comunidade política. Diante desta situação, não era de estranhar a apatia e mesmo o cinismo da população em relação ao poder. [...] O que marcava, e marca, o Rio é antes a carnavalização do poder como, de resto, de outras relações sociais (CARVALHO, 1987: 157).

José Murilo de Carvalho investe numa imagem que toma a trapaça como procedimento comum, ou seja, presente em diferentes domínios do comportamento do fluminense. Nesse sentido, a carnavalização das relações sociais pode ser melhor compreendida quando se analisa as características da formação do Rio de Janeiro, que se constituiu a partir de forças contraditórias, da ordem e da desordem, como bem apresentado por Machado de Assis nas

crônicas. No plano urbanístico, bem como no plano social e no plano político-econômico, as ideias modernizadoras pouco se ajustavam ao contexto vivido. Hierarquias iam se desmoralizando, enquanto um mundo extra-oficial, alternativo em relacionamentos e valores, se constituía, principalmente entre a população “alforriada” e as levas de imigrantes:

Daí que da parte do próprio poder e de seus representantes desenvolveram-se táticas de convivência com a desordem, ou com uma ordem distinta da prevista. A lei era então desmoralizada de todos os lados, em todos os domínios. Esta duplicidade de mundos, mais aguda no Rio, talvez tenha contribuído para a mentalidade de irreverência, de deboche, de malícia. De tribofe. Havia consciência clara de que o real se escondia sob o formal. Neste caso, os que se guiavam pelas aparências do formal estavam fora da realidade, eram ingênuos. Só podiam ser objeto de ironia e gozação (CARVALHO, 1987: 159-160).

A partir da ideia de carnavalização das relações sociais é possível explicar os incontáveis desvios morais apontados sarcasticamente por Machado de Assis. A tragédia desta constituição “desmoralizada” pode ser interpretada pelo filtro do riso, do deboche, da zombaria. A seriedade da política é colocada em xeque segundo esta consciência de “tribofe” que impera em diversos níveis do corpo social. A posição crítica e problematizadora de Machado se transforma em instrumento de desconstrução de uma realidade forjada por aparências. A ironia é método de percepção das contradições. A melancolia é consciência do trágico como elemento constituinte desta formação trôpega, torta e ambígua que os limites da cidadania atestam e evidenciam.

Como visto, tanto o ambiente político de constituição da República quanto o contexto social de formação da cidadania são

encarados de forma pessimista, exatamente porque o cronista percebe o mundo – que lhe é apresentado pelos fatos jornalísticos – a partir dos flagelos, das catástrofes, dos interesses particularistas, dos projetos irrealizáveis, das paixões e vaidades que dilaceram e antagonizam os homens entre si, oprimindo-os a partir de valores e conveniências falseados ou mascarados no teatro das convenções. Este é um ambiente no qual as bases sociais são difíceis de circunscrever, haja vista a predominância de uma elite escravocrata que, mesmo após a abolição, ainda domina o cenário político e as relações de submissão que aí se estabelecem.

O cronista Machado é hábil em retratar as contradições e as ambiguidades deste universo referencial. O pessimismo de suas opiniões projeta-se ao conjunto do corpo social. O traço psicológico fundado nas relações de força subjuga os indivíduos a um contexto que os avalia a partir dos determinismos, principalmente de raça, e que transformam o projeto social do Brasil num problema de difícil solução. Daí o enfoque pessimista, daí a pena irônica para lidar com situações de fundo, daí a zombaria para rir do que se quer instituir como certeza.

A perspectiva problematizadora inaugurada por Machado de Assis aparece em vários momentos de seu projeto literário da maturidade. Ela está pautada numa visão de mundo carnavalizada, crítica e reflexiva, segundo a qual os fatos e os personagens são interpretados numa narrativa permeada de digressões e extravagâncias de estilo. A mistura do sério e do cômico; a presença do fantástico na composição da narrativa (dando voz, por exemplo, a animais como forma de desmascarar o real); a constante referência

aos estados psíquicos dos personagens que considera nas crônicas, geralmente alterados por sentimentos descontrolados, por delírios ou indignações; o uso de diferentes e de inúmeras fontes de referência; o desnudamento da realidade contraditória a partir do eco de múltiplas vozes. A crítica moral que Machado empreende nas crônicas, nesse sentido, é compreendida na sua essência pelos elementos tragicômicos que compõem o drama da condição humana em solo brasileiro.

Referências

CARVALHO, José Murilo de. 1987. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras.

CRUZ, Dilson Ferreira da. 2004. *Estratégias e máscaras de um fingidor: a crônica de Machado de Assis*. (tese de doutorado). FFLCH-USP.

GLEDSON, John (Org.). 1996. *Machado de Assis: A Semana*. São Paulo: Hucitec.

SÁ REGO, Enylton de. 1989. *O calundu e a panacéia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

SCHWARZ, Roberto. 2000. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34.

Recebido em 08/04/2014. Aprovado em 09/12/2014.